



Rian Lucas da Silva

Prefaciado por Edilane Bento, doutora em Teoria
da Literatura pela UFPE

AS PROFISSIONAIS DO SEXO

**figurações a respeito da prostituição
feminina em *Um Ramo para Luísa*, de
José Condé**



Rian Lucas da Silva

Prefaciado por Edilane Bento, doutora em Teoria
da Literatura pela UFPE

AS PROFISSIONAIS DO SEXO

**figurações a respeito da prostituição
feminina em *Um Ramo para Luísa*, de
José Condé**

www.editoramultiatual.com.br

editoramultiatual@gmail.com

Autor

Rian Lucas da Silva

Editor Chefe: Jader Luís da Silveira

Editoração e Arte: Resiane Paula da Silveira

Capa: Freepik/MultiAtual

Revisão: O autor

Conselho Editorial

Ma. Heloisa Alves Braga, Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais, SEE-MG

Me. Ricardo Ferreira de Sousa, Universidade Federal do Tocantins, UFT

Me. Guilherme de Andrade Ruela, Universidade Federal de Juiz de Fora, UFJF

Esp. Ricael Spirandeli Rocha, Instituto Federal Minas Gerais, IFMG

Ma. Luana Ferreira dos Santos, Universidade Estadual de Santa Cruz, UESC

Ma. Ana Paula Cota Moreira, Fundação Comunitária Educacional e Cultural de João Monlevade, FUNCEC

Me. Camilla Mariane Menezes Souza, Universidade Federal do Paraná, UFPR

Ma. Jocilene dos Santos Pereira, Universidade Estadual de Santa Cruz, UESC

Ma. Tatiany Michelle Gonçalves da Silva, Secretaria de Estado do Distrito Federal, SEE-DF

Dra. Haiany Aparecida Ferreira, Universidade Federal de Lavras, UFLA

Me. Arthur Lima de Oliveira, Fundação Centro de Ciências e Educação Superior à Distância do Estado do RJ, CECIERJ

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S586a	<p>Silva, Rian Lucas da</p> <p>As Profissionais do Sexo: figurações a respeito da prostituição feminina em Um ramo para Luísa, de José Condé / Rian Lucas da Silva. – Formiga (MG): Editora MultiAtual, 2023. 48 p. : il.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-89976-99-8 DOI: 10.5281/zenodo.7750970</p> <p>1. Um ramo para Luísa. 2. José Condé. 3. Profissionais do Sexo. 4. Figurações. 5. Prostituição Feminina. I. Silva, Rian Lucas da. II. Título.</p>
	<p>CDD: 306.74 CDU: 82-90</p>

Os artigos, seus conteúdos, textos e contextos que participam da presente obra apresentam responsabilidade de seu autor.

Downloads podem ser feitos com créditos ao autor. São proibidas as modificações e os fins comerciais.

Proibido plágio e todas as formas de cópias.

Editora MultiAtual
CNPJ: 35.335.163/0001-00
Telefone: +55 (37) 99855-6001
www.editoramultiatual.com.br
editoramultiatual@gmail.com
Formiga - MG
Catálogo Geral: <https://editoras.grupomultiatual.com.br/>

Acesse a obra originalmente publicada em:
<https://www.editoramultiatual.com.br/2023/03/as-profissionais-do-sexo-figuracoes.html>



**AS PROFISSIONAIS DO SEXO: figurações a respeito da
prostituição feminina em *Um ramo para Luísa*, de José Condé**

Dedico este livro às loucas, às bruxas, às más, às boas, às putas, às mães, enfim, às mulheres (com ou sem adjetivos) por terem resistido e continuarem resistindo a ambientes completamente hostis e, infelizmente, ainda machistas e patriarcais.

*“O que a literatura faz é o mesmo que acender
um fósforo no campo no meio da noite. Um
fósforo não ilumina quase nada, mas nos
permite ver quanta escuridão existe ao redor.”*

(William Faulkner)

SUMÁRIO

Prefácio	9
1 ASPECTOS INTRODUTÓRIOS: EM BUSCA DE DISCUSSÕES	13
2 O QUE PODE A LITERATURA? Breve contextualização	15
3 POR CAMINHOS E PERCALÇOS TORTUOSOS: as prostitutas ao longo da história	18
4 AS PROFISSIONAIS DO SEXO EM CENA: uma análise da prostituição feminina em <i>Um Ramo para Luísa</i> , de José Condé	25
5 À PROCURA DE ALGUMAS CONSIDERAÇÕES	42
REFERÊNCIAS	44
AGRADECIMENTOS	46
Notas sobre o autor (Rian Lucas da Silva) ¹	48

Prefácio

“Eu gosto dos que têm fome
Dos que morrem de vontade
Dos que secam de desejo
Dos que ardem...”
– Adriana Calcanhotto

Caro leitor, apresento-lhe o texto intitulado “**As profissionais do sexo: figurações a respeito da prostituição feminina em *Um ramo para Luísa*, de José Condé**”. Aqui, acredito que o autor faz, para a crítica literária, aquilo que a literatura realiza segundo o ideal apregoado por William Faulkner. Metaforicamente, de acordo com esse escritor, o que a literatura faz é acender “um fósforo no campo no meio da noite” e, mesmo que saibamos que “um fósforo não ilumina quase nada, ele “nos permite ver quanta escuridão existe ao redor.” É justamente essa a percepção que se confirmará diante da leitura das páginas que se seguem, eu garanto.

O texto é extremamente importante e em muito contribui para a crítica literária. Para fins de comprovação, destaco, dentre tantos elementos, a temática e o objeto de estudo. O autor se debruça sobre o tema da representação da prostituta e escolhe, como objeto de estudo, a obra “*Um ramo para Luísa*”, de José Condé. A escolha já diz muito sobre o perfil do autor na medida em que opta por um tema polêmico, como a representação da figura da prostituta na literatura. Vê-se, nesse sentido, a coragem de trazer à cena o obsceno, de tocar o “intocável”, e fazê-lo tomando como objeto de estudo uma obra quase desconhecida, reforçando o quanto essas escolhas dão ao seu texto um papel significativo e necessário.

Quanto à relação entre a literatura e sociedade, base primordial do presente texto, o autor demonstra, embasado em um amplo e coerente suporte teórico, de forma clara, objetiva e significativa, a importância de se considerar a Literatura enquanto um objeto social: analisar as representações dentro do texto literário é, também, refletir sobre as realidades transmudadas dentro do tecido literário. Nesse sentido, o mundo da obra, embora seja ficção, nos permite repensar o real, ressignificando-o.

Nesse diálogo entre literatura e aspectos sociais, o autor possibilita a reflexão sobre como as representações da prostituta são elaboradas; como essa “mulher de papel” é revelada na pena de Condé; o quanto se pode pensar a arte literária enquanto um espaço onde as minorias

estão, também, presentes; e as relações de poder, as quais são igualmente representadas, nos permitindo refletir, por meio da arte, sobre o mundo ao nosso redor sem desconsiderar os fatores estéticos escolhidos pelo escritor do romance.

Isso posto, o autor inicia seu texto convidando o leitor a refletir sobre o poder da Literatura. Para isso, propõe um diálogo com diversos autores, como Georges Bataille, Todorov, Antonio Cândido. O texto leva o leitor a (re)pensar o poder da arte, amparado num suporte teórico rico e coerente que lhe permite compreender o papel humanizador do texto literário e como em suas representações se pode, considerando texto e contexto, refletir sobre e questionar o real.

O texto nos convida, o tempo inteiro, a adentrar em espaços pouco explorados. É, de fato, “Por caminhos e percalços tortuosos”, que o autor nos apresenta, brilhantemente, a história da prostituição. Amparado em autoridades no assunto, como Nickie Roberts, Mary Del Priore e Maria Regina Cândido, entre outros, o autor nos presenteia com um panorama da história da prostituição, o que nos permite compreender o papel dessa atividade na sociedade e como se dá a formação de uma visão negativa e preconceituosa que revela, como não poderia deixar de ser, a hipocrisia de uma sociedade que sempre “desfrutou” e, ao mesmo tempo, demonizou a figura da prostituta. Para além do panorama histórico, o autor tece importantes considerações sobre a representação da prostituta na música e na Literatura, a fim de revelar a importância de se debruçar sobre essa constante presença na arte de um modo geral.

Ao analisar a prostituição feminina no romance “Um Ramo para Luísa”, de José Condé, o autor demonstra uma pertinente preocupação e respeito para com seu leitor. Inicialmente, Rian Lucas nos apresenta José Condé; tece considerações importantes sobre a estrutura e linguagem da obra selecionada, entre outras informações, as quais permitem um olhar amplo sobre a obra analisada, situando-nos em relação ao romance e seu contexto.

Quanto à análise da obra, destaco a seriedade, a coerência, a sensibilidade e profissionalismo na forma como o autor relaciona seu suporte teórico com a representação da prostituta na obra de Condé. Sua análise, farta de trechos significativos da obra, escolhidos com precisão no que se refere à essência do texto literário, permite ao leitor adentrar no texto de forma significativa – mesmo nos casos em que você ainda nem o conheça. Rian Lucas guia o leitor dentro do romance; relaciona os importantes aspectos discutidos anteriormente com a representação que se observa no tecido literário, destacando sempre os aspectos sociais e os elementos textuais dentro da obra.

Nesse momento, em que a voz do autor soa plena de conhecimento sobre o tema, é perceptível uma análise sóbria e minuciosa que demonstra o cuidado necessário em relação ao

olhar crítico sobre a obra e seus aspectos textuais, fazendo sempre a ponte necessária com os aspectos sociais representados no texto, mas, para além disso, temos, ainda, a percepção do engajamento humano do autor. Em sua análise, salta o que já se percebia em suas escolhas: estamos diante de um autor que entrega tudo e se entrega todo ao seu texto, que se inquieta e nos inquieta ao nos entregar um verdadeiro “grito de alerta” em relação à necessidade de (re)pensar, refletir e (re)visitar nossos conceitos e preconceitos ainda tão presentes numa sociedade cuja hipocrisia ainda reina.

O presente texto nos inquieta, mas também nos encanta, pois aponta para a necessidade de dar continuidade à luta contra o sufocamento de vozes dos chamados “diferentes” e a encarar nossos medos e receios diante de temas tabus para que possamos desenvolver, mais e mais, o sentimento de empatia tão necessário para nos tornar, de fato, humanos. É um texto mais que necessário, especialmente considerando o contexto de intolerância ao diferente no qual nos encontramos atualmente na nossa sociedade.

Dessa forma, por meio da análise do texto literário, vemos, na prática, que a Literatura pode muito, pois, ao trazer luz à escuridão, consegue nos (re)direcionar diante do que a sociedade nos apresenta como aquilo que é “certo” ou “errado”, “feio” ou “belo”, “bem” ou “mal”. Isso serve para nos alertar sobre as falsas bases sobre as quais se construíram, durante o passar dos anos, esses e outros conceitos que uma análise mais minuciosa permite questionar e desconstruir. Por fim, como leitora do texto e por todos os elementos já expostos, ressalto meu mais profundo sentimento de gratidão ao jovem escritor por um texto tão corajoso e absurdamente necessário, sobretudo em tempos de barbárie.

Caro leitor, permita-me encerrar este prefácio ‘rompendo’ com normas específicas desse gênero textual, pois preciso ressaltar, antes de tudo, meu mais profundo sentimento de admiração, orgulho, reconhecimento e amor por esse tão necessário texto de Rian Lucas da Silva. Sim, sentimento é a palavra que melhor se adequa a esse momento e posso provar, se assim desejar, destacando como a vida me permitiu encontrar esse jovem escritor: meu primeiro contato se deu durante a leitura de um e-mail em que ele informava sua necessidade/desejo de orientação para a elaboração de um artigo. “Estando” eu ocupada, naquele momento, com a função de coordenadora da área de Linguagens e Códigos do IFPB-CG, era coerente que eu recebesse o pedido e pudesse encaminhar seu nome para outros professores da área no intuito de promover a ‘ponte’ entre o então aluno de Letras do IFPB, campus Sousa, e seu possível orientador.

No entanto, confesso que tanto a leitura do e-mail quanto da primeira versão do artigo despertou em mim o desejo de assumir aquela função. Poderia destacar vários motivos para

isso, mas prefiro destacar o sentimento pleno de que estava diante de um autor que me tocava profundamente pela temática abordada, pelo conhecimento e seriedade em relação ao que escrevia, mas, principalmente, pela coragem, ousadia e sensibilidade com que se debruçava sobre o texto literário. Assim, observar tudo isso naquele artigo não me permitiria outra atitude se não o informar de que ele já havia encontrado uma orientadora e, claro, seria eu, uma vez que o trabalho de Rian Luas é um daqueles raros sobre o qual eu posso afirmar que me toma de uma forma tão profunda que sua escrita simplesmente “pulsa o meu sangue quente, é o que faz meu animal ser gente”. Desse modo, foi totalmente envolta por esse sentimento que eu disse meu primeiro sim a Rian.

A partir disso, o caminho era sem volta: daí em diante me tornei para Rian “daquelas mulheres que só dizem sim”. Encantada com cada texto que ele me trazia, os ‘sins’ se multiplicaram semestre a semestre e culminaram na aceitação da orientação do seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Afinal, como dizer não a esse autor? Não havia mais essa possibilidade. Logo, orientar “Putas de papel: reflexões sobre os espelhamentos simbólicos na representação da prostituta, do sexo e do gozo em “Um Ramo para Luísa”, de José Condé”, trabalho do qual se origina o presente texto, permitiu-me leituras que viraram verdadeiros momentos que optei por denominar de “orgasmos literários”.

A escolha corajosa por se debruçar sobre os temas tabus, a opção de trazer à luz o desconhecido, como ocorre no caso do autor selecionado por ele para realizar sua análise, a sua escrita sóbria, coerente, embasada e sensível, a análise sempre pertinente, atenta e sua constante abertura a ouvir, refletir e aprender, enlaçaram-me em uma relação na qual, confesso, virei, com todo prazer possível, uma espécie de “mãe-irmã-amiga-companheira-puta” intelectual do autor, tudo isso dentro da figura de orientadora. Não importavam o dia, a hora, ou o lugar: eu sempre o diria sim.

*Por Edilane Bento, doutora em Teoria da Literatura pela
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).*

1 ASPECTOS INTRODUTÓRIOS: EM BUSCA DE DISCUSSÕES

Inicialmente, é preciso ressaltar que este livro é resultado de uma pesquisa já realizada. Ela é fruto do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), apresentado em 2022, sob supervisão e orientação da professora Dra. Edilane Rodrigues Bento Moreira. A princípio, o estudo foi publicado com o título de *Putas de papel: reflexões sobre os espelhamentos simbólicos na representação da prostituta, do sexo e do gozo em “Um Ramo para Luísa”, de José Condé*, que se encontra disponível, de maneira gratuita e on-line, no repositório¹ do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB). Após algumas ampliações no texto base e alguns aprofundamentos de algumas ideias, originou-se, pois, este livro.

Sendo assim, este livro parte do entendimento de que a emblemática figura da prostituta desponta como pauta relevante a ser discutida, uma vez que foram significativas as mudanças de visões em torno desse grupo específico de mulheres ao longo da História, conforme será possível perceber nas seções seguintes. Para as discussões, partimos, em especial, da representação da prostituição na literatura, dentre tantos motivos, porque se acredita que ela é um excelente meio para se discutir tal problemática, tendo em vista a sua função social, capaz de emancipar o próprio homem de dogmas que a sociedade costumeiramente lhe impõe.

Diante disso, adotamos, para a análise, o romance *Um Ramo para Luísa*, escrito por José Condé. Na obra, grosso modo, habitam os mais diferentes e variados personagens: burgueses, prostitutas, egoístas, machistas, homossexuais e alguns outros. Em virtude de o foco deste estudo recair justamente sobre a prostituição feminina, a análise incide, dessa forma, na figura das personagens femininas sob a condição da prostituição na obra literária ficcional de Condé.

Isso posto, estipulamos os seguintes objetivos: promover reflexões sobre as representações das condições de mulheres que são silenciadas e deixadas à margem da sociedade dentro do texto literário; analisar e refletir, dentro dessa representação, as condições, os motivos e as circunstâncias que levam as mulheres a adentrarem nesse estilo de vida e, por fim, observar como se dá a relação entre prostituta e cliente no tecido narrativo.

A obra supracitada, grosso modo, trata de temas polêmicos e abrangentes, além de problematizar o lugar e, sobretudo, as condições precárias que as prostitutas sofrem frente a

¹ O texto citado pode ser encontrado em: <https://repositorio.ifpb.edu.br/xmlui/handle/177683/1924>. Acesso em: 1. jul. 2022.

uma sociedade que oprime e exclui de seu meio social aqueles que, por ela, são considerados anormais e/ou fora dos padrões aceitos.

Ademais, vale a pena mencionar que a escolha dessa obra se deu por dois motivos principais: primeiro porque, conforme fora dito, representa o drama sofrido por um grupo específico de mulheres que são deixadas à margem da sociedade e, em segundo lugar, pela escassez de trabalhos produzidos e desenvolvidos sobre a obra em debate.

No que concerne à constituição e ao desenvolvimento deste estudo, utilizamo-nos de uma pesquisa qualitativa de cunho bibliográfico, e a fundamentação teórica é embasada em estudos de autores diversos, como: pesquisas sobre feminismos² de base histórica – a partir de pesquisas, por exemplo, das historiadoras Mary Del Priore (2011a; 2013b; 2020c) e Michelle Perrot (2003); reflexões sobre o feminino – por meio de discussões filosóficas propostas por Simone de Beauvoir (2009); estudos de gênero e sexualidades³ – com respaldo na antropóloga Dolores Juliano (2004); compreensões históricas da mulher prostituta ao longo da História – mediante contribuições das historiadoras renomadas Nickie Roberts (1998), Margareth Rago (2008) e Maria Regina Cândido (2012).

Por fim, dividimos este estudo a partir da seguinte sequência: primeiramente, discorremos, brevemente, sobre os limites (ou a ausência) no que se refere àquilo que a literatura pode ou não representar; em seguida, investigamos a temática da prostituição feminina, de modo a compreendê-la em suas mais variadas nuances e, sobretudo, a partir de suas mudanças e (trans)formações ao longo da História; posteriormente, mostramos – ainda que de forma breve – como se deu a relação da prostituição no campo da literatura brasileira; logo em seguida, realizamos a análise em torno da representação das personagens que se inserem no exercício da prostituição; em última instância, tecemos algumas considerações – porém jamais finais – sobre a temática aqui apresentada.

² Consideramos válido pontuar que o uso do plural no termo “feminismo” não se deu aleatoriamente. Tal marcação é indispesável, pois precisamos entendê-lo como um movimento sempre plural capaz de mostrar a diversidade constitutiva das mulheres, haja vista as múltiplas perspectivas e vertentes femininas existentes.

³ A mesma explicação dada anteriormente sobre a marcação do plural cabe aqui também no vocábulo “sexualidades”. Tratar esse termo no singular seria pressupor a ideia de que há uma sexualidade dominante e tida como a “correta”. Daí, pois, a necessidade de pluralizar a palavra para abarcar outras além das que imperam na atualidade.

2 O QUE PODE A LITERATURA? Breve contextualização

Aprimeira vista, a pergunta inserida no título desta seção pode até parecer simples, no entanto, bastam algumas reflexões para que se perceba a complexidade em torno daquilo que a literatura pode ou não representar por meio de obras diversas. Afinal, pode a literatura representar casais homoafetivos felizes e “fora do armário” mesmo quando a sociedade ainda insiste em trancá-los? Pode a literatura narrar uma história em que uma criança seja vítima de abuso sexual? Pode a literatura colocar em evidência relações de submissão e subordinação enfrentadas por sujeitos negros? Há um limite até aonde a literatura pode ir? Enfim, trata-se de questionamentos que, ao serem feitos, desencadeiam outros diversos.

Na tentativa de responder às interrogações postas, inicialmente, decidimos partir de Georges Bataille, em *A literatura e o mal* (2017), em que se encontra a ideia de que a literatura é, dentre tantas perspectivas, um espaço no qual o incômodo, a perda e o dispêndio podem operar. Assim, o escritor francês classifica a literatura como um “perigo” em virtude de sua capacidade de dizer tudo.

Só a literatura podia desnudar o jogo da transgressão da lei – sem a qual a lei não teria fim – independentemente de uma ordem a criar. A literatura não pode assumir a tarefa de organizar a necessidade coletiva. Não cabe a ela concluir [...]. A literatura é mesmo, como a transgressão da lei moral, um perigo. Sendo inorgânica, ela é irresponsável. Nada repousa sobre ela. Ela pode dizer tudo. Ou, antes, ela seria um grande perigo se não fosse (na medida em que é autêntica, e em seu conjunto) a expressão daqueles em quem os valores estéticos estão mais fortemente ancorados (BATAILLE, 2017, p. 22).

A fim de tornar essa citação mais compreensível e compreender o que o estudioso quis dizer ao mencionar que a literatura é “inorgânica”, Lima (2015) supõe que Bataille entende por “inorgânico” a capacidade que a literatura tem justamente de não ser responsável – no sentido ético da palavra – pelo que produz, pois “ela é o que ela faz, e o que ela faz, ela não faz sozinha, mas no surgimento de um trans-sujeito co-elaborado pelo autor e pelo leitor” (LIMA, 2015, p. 160).

Logo, é a partir deste entendimento, portanto, que este livro parte: a literatura pode representar quaisquer vivências, existências e resistências de sujeitos ao longo da História; pode refletir sobre o irrepresentável; pode conceber o inconcebível, pode dizer o indizível; enfim, ela pode tudo, sobretudo porque trabalha no campo da imaginação, isto é, da fantasia, o que não

significa que determinado autor, ao representar uma prática impraticável em sua obra, concorde com isso ou apoie tal ação. Para tornar isso mais evidente, basta pensar que, caso um escritor decida narrar uma história na qual uma criança é brutalmente violentada por seus pais, isso não demarca que esse escritor concorde com a violência e/ou comungue desse crime. Ao escrever narrativas assim, o escritor está concebendo o inconcebível, e não praticando o impraticável, pois – conforme dito outrora – trata-se de literatura e, portanto, fala-se do universo da fantasia.

Logo, não há preconceito, por parte do leitor, que faça com que a literatura seja interrompida, até mesmo porque ela vai ao revés disso na medida em que não se preocupa com os nossos achismos, preconceitos e/ou juízos de valor negativos que possamos vir a ter, posto que temáticas como as desilusões amorosas, estupro, incesto, pedofilia, perversão sexual, assassinatos e tantas outras podem ser exploradas e expressas por meio dela.

Daí, então, a ideia de que a literatura pode ser vista com maus olhos por aqueles que se inserem presos em moldes rígidos de uma sociedade patriarcal, pois pode surgir como uma afronta às suas próprias ideias. Não à toa, a literatura e as artes, de modo geral, foram e ainda são tão atacadas por uma elite extremamente conservadora, sendo, portanto, um perigo, ou melhor, uma afronta, que é capaz de trazer luz à escuridão; de inserir conhecimento onde persiste a ignorância; de aquebrantar até mesmo os corações mais cruéis.

Dessa forma, temáticas como homossexualidade, violências, racismo e prostituição, por exemplo, podem despontar na literatura como questões norteadores de cunho social e político que, embora tenha se discutido bastante nos últimos anos, ainda continuam sendo temas tabus, pois persiste o predomínio de valores negativos e – na maioria das vezes – até pejorativos sobre muitos aspectos relacionados a esses assuntos. É nesse viés, portanto, que a literatura pode (ad)entrar para lançar luz, tendo em vista que

[A] literatura pode muito. Ela pode nos estender a mão quando estamos profundamente deprimidos, nos tornar ainda mais próximos dos outros seres humanos que nos cercam, nos fazer compreender melhor o mundo e nos ajudar a viver. Não que ela seja, antes de tudo, uma técnica de cuidados para com a alma; porém, revelação do mundo, ela pode, também, em seu percurso, nos transformar a cada um de nós a partir de dentro. A literatura tem um papel vital a cumprir; mas para isso é preciso tomá-la no sentido amplo e intenso que prevaleceu na Europa até fins do século XIX e que hoje é marginalizado, quando triunfa uma concepção absurdamente reduzida do literário (TODOROV, 2009, p. 76-77).

Essas mesmas capacidades que a literatura possui apontadas por Todorov encontram resquícios, também, nos pressupostos de Antonio Cândido (1989), famoso sociólogo e crítico literário, para quem a literatura é ou deveria ser um direito universal a todas as pessoas, dada a

sua capacidade de confirmar e, ao mesmo tempo, de negar, de propor e de denunciar, de apoiar e de combater estereótipos e juízos de valor negativo, de modo que oferta ao ser humano a possibilidade de viver dialeticamente os próprios problemas.

Rildo Cossen (2006), ao seguir esse raciocínio, defende que a literatura nos incentiva a desejar e, sobretudo, a expressar o mundo em nós mesmos, e isso só acontece em virtude do exercício e da prática da literatura. A partir dessas noções, por meio do imaginário e da ficção, a literatura pode romper com as amarras e preconceitos vigentes do leitor na medida em que pode sensibilizá-lo a partir das histórias narradas.

À vista disso, a literatura pode se apresentar como um caminho para se (re)pensar o real, uma vez que, em sua representação do social, a obra artística lança luz sobre temáticas muitas vezes rechaçadas na sociedade. Assim, ao estudar essas representações, podemos (re)visitar o real com outros olhos e, consequentemente, derrubar muros e transpassar fronteiras diante do que é visto e subjugado como “anormal” pela sociedade.

3 POR CAMINHOS E PERCALÇOS TORTUOSOS: as prostitutas ao longo da história

“Sendo uma criatura exilada, expulsa da sociedade, como você e eu, porque somos artistas, a prostituta é certamente nossa amiga e nossa irmã.”
– Van Gogh

Putas, meretrizes, pecaminosas, devassas, imundas, sujas, doentes, destruidora de lares: essas, só para citar alguns predicativos, são formas violentas bastante recorrentes endereçadas às mulheres que possuem, como estilo de vida, a prostituição. Atacadas comumente por uma sociedade patriarcal e machista, as prostitutas continuam a suscitar discussões diversas, embora ainda haja processos de silenciamento e de invisibilidade em torno delas.

Na tentativa de se entender a primeira sociedade humana em que a prostituição teria surgido e, sobretudo, ao se buscar a causa desse aparecimento, Souza (1913), em *História da Prostituição: em todos os tempos e em todos os países*, destaca que

Segundo os mais auctorizados e antigos escriptores, foi na Chaldêa, o mais antigo berço da sociedade humana, onde pela primeira vez se praticou a prostituição. Este povo, ainda meio selvagem, vivia quase exclusivamente da caça, e, quer por índole, quer pela necessidade da retribuição, exercia a mais larga hospitalidade, e a tal ponto, que se chegava a conceder ao hospede, além do leito e da mesa, as próprias mulheres da casa. Foi, pois, na Chaldêa que teve origem a prostituição hospitaleira, a primeira de que há conhecimento e d'onde derivaram todas as outras (SOUZA, 1913, p.7).

Percebe-se, então, o costume que existia nessa sociedade de se oferecer as mulheres da casa aos hóspedes, prática essa que era regulada, em determinado contexto sócio-histórico determinado, pela dinâmica das relações sociais existentes desse “tipo” específico de prostituição, que se pauta sob a noção da “economia da hospitalidade”, como explica Brivio (2010).

Não obstante a prostituição já remonte à antiguidade, ainda no período colonial brasileiro, já era costumeiro que diversas mulheres, fossem elas livres ou escravas, vendessem os seus próprios corpos, prática hoje conhecida como prostituição. Tal atividade podia ser ensejada por senhores e, até mesmo, praticada secretamente como forma de lucro, conforme

postula Mary Del Priore (2020c) – uma das historiadoras brasileiras mais renomadas da contemporaneidade.

Nesse panorama histórico, a estudiosa informa que alguns momentos tornaram necessária a figura da prostituta, como é o caso do romantismo, da vida burguesa e, por fim, da dicotomia ecoada entre lados opostos da vida pública e privada. O primeiro referia-se à “mulher em pecado”, ou melhor, àquela que ia contra as convenções estipuladas ao ser feminino; enquanto o segundo representava a dona de casa, isto é, a “boa mulher”.

A partir desse pensamento, a prostituta representava – e provavelmente ainda representa – o avesso da mãe de família porque ela é a responsável pelo sexo criativo e, sobretudo, prazeroso. Consequentemente, a mulher “da vida” intensificava a “clivagem entre o público e o privado: ela na rua, a esposa em casa, preservada dos saberes eróticos” (DEL PRIORE, 2020c, p. 119). Não à toa, Vieira (2016) explica que o termo “prostituição” foi emprestado do latim *prostituere*, que significa expor publicamente ou dedicar-se à vida de pecado.

A respeito disso, é pertinente compreender que a temática da prostituição nem sempre foi vinculada à ideia de absurdo, pecado ou imoralidade. De acordo com Nickie Roberts (1998), a história da prostituição iniciou-se com as sacerdotisas de templos sagrados que, ao mesmo tempo, eram vistas como mulheres sagradas e prostitutas. Nesse ângulo, Nancy Qualls Corbett, em *A prostituta sagrada* (1990), informa que a prostituta inicia sua face sagrada nas nações latinas antigas. Para a estudiosa, em civilizações romanas e gregas antes da Era Cristã, as prostitutas eram sagradas, cercadas de atenção, respeito e conforto em suas comunidades. Em outras palavras, ainda não se via, naquela época, uma divisão entre a “mulher sagrada” e a “mulher profana”, haja vista que as duas condições eram consideradas enquanto complementares.

Na sociedade hodierna, por sua vez, tais conceitos mudaram. Hoje, por exemplo, esse tema é bastante complexo e muito se tem debatido sobre ele, embora nem sempre se tenha conseguido chegar a ideias semelhantes. Há, por exemplo, quem caracterize a prostituição como sendo “a profissão mais antiga do mundo”, apesar de isso não ser comprovado nem aceito por todos os historiadores, antropólogos e/ou estudiosos que se debruçam acerca do tema.

Para além desses entendimentos, o que se pode afirmar com certeza é o fato de que essas mulheres já foram endeusadas e adoradas em virtude de sua inteligência e cultura, sendo, inclusive, associada à Grande Deusa, símbolo de força e de vida, conforme relembra Nickie Robert no livro *As Prostitutas na História* (1998).

Sobre isso, sabe-se que era hábito – principalmente entre babilônios, gregos e romanos – a entrega do corpo por dinheiro como forma de ritual aos deuses. Na Babilônia, por exemplo,

nenhuma mulher poderia se casar antes de passar pelo templo de Ishtar, deusa do amor e da fertilidade. O rito abrangeu-se pelo Oriente Médio e, por fim, foi incorporado à cultura de origem grega, em que Inana – deusa da fertilidade dos sumérios – foi substituída por Afrodite. A partir disso, a prática passou a ser chamada, entre os gregos, de “sexo sagrado”, no qual o homem e a mulher representavam suas próprias partes no casamento dos deuses, conforme ilustra Álvaro Silva (2020).

É inegável, nesse sentido, que as meretrizes sempre tiveram seu lugar na História, embora ao longo dos anos o status de endeusada tenha evoluído para condenável. Acerca dessa mudança semântica, Maria Regina Cândido (2012) ressalta que foi a partir do surgimento da sociedade patriarcal, da hegemonia do homem e, por fim, do concomitante surgimento da propriedade privada, que a prostituição passou a ser uma atividade tanto malvista quanto maldita. A historiadora ainda acrescenta que essa conotação de ser ou não bem-vista pela sociedade trata-se de um olhar específico de nosso tempo sobre as prostitutas.

Assim, ao realizar um paralelo da visão que se tinha da prostituta há anos com a de hoje, podemos notar mudanças significativas, a exemplo da forma como o sexo está deixando de ser visto como patológico e de ser estigmatizado como aquilo que pode ou não, pois a revolução sexual até conseguiu transformar diversos costumes, todavia a sociedade permanece conservadora e com forte preconceito contra essas mulheres, conforme salienta Margareth Rago (2008).

Com mudanças de mentalidades se alterando, a prostituta tem sido vista como uma vilã que vai contra a família estruturada, além de ser encarada como um risco para os valores, honras morais e éticos impregnados na sociedade patriarcal, uma vez que “a discriminação, violência e ausência de cidadania parece, entretanto, perpassar a realidade das profissionais do sexo independente de sua inserção nesse mercado.” (ALVAREZ; RODRIGUES, 2001, p. 61).

Não é de se espantar que a prostituta tenha sido vista dessa forma, posto que coube à mulher o papel de vilã nas relações em que ela vende o seu próprio corpo. É justamente ela quem é condenada e tida como a responsável por destruir lares, e não o homem que decidiu procurá-la. Isso revela, com bastante nitidez, o caráter machista que a sociedade possui ao julgar, de imediato, a mulher.

A respeito disso, ao longo da história das civilizações, sabemos que o corpo feminino foi associado, diretamente, a um instrumento de pecado e de forças demoníacas, representação essa abarcada já na teologia cristã pela figura de Eva – mulher responsável por trazer dor e sofrimento ao mundo após ter pecado ao desobedecer a Deus. Assim, a mulher foi concebida,

por muito tempo, como veículo de perdição tanto da saúde quanto da alma dos homens (DEL PRIORE, 2011a).

Em virtude disso, Reis (2008) justifica que a prostituta é facilmente concebida, dentro de convívios sociais, como a responsável por deformar e deturpar o papel feminino e os ideais de dona de casa e de boa mãe, sobretudo se considerarmos que ela se utiliza de seu corpo como instrumento de trabalho para, assim, poder exercer sua sexualidade livremente.

Vista comumente como uma ameaça aos “bons costumes”, o exercício da prostituição intimidava e até apavorava mulheres consideradas de “famílias puras”, trabalhadoras e focadas na saúde dos filhos e, obviamente, do marido. Esse caráter de ameaça, de acordo com Del Priore (2011a), ocorria a partir de dois modos: primeiro porque todo desvio de ação ou de pensamento seria capaz de aproximar e de confundir espaços opostos, ou seja, a esfera privada da casa com o espaço público da rua; segundo porque as “boas mulheres” tinham receio de serem substituídas pela mulher pública. Como efeito, às meretrizes cabiam valores negativos e, por isso, “mulheres públicas foram descritas com todos os vícios, pecados e excessos que se atribui a uma profissão exercida e até explorada por algumas chefes de família.” (DEL PRIORE, 2011a, p. 87-88).

A partir da breve contextualização até aqui abordada a respeito da figura de mulheres outrora endeusadas e, hoje, condenadas, a próxima seção deste estudo busca compreender, a partir da obra literária de José Condé, significações e espelhamentos nas representações femininas que vivem sob condições precárias no mundo da prostituição.

3.1 UMA INTRODUÇÃO À PROSTITUIÇÃO NA LITERATURA

“Se acaso me quiseres
SOU dessas mulheres que só dizem sim
Por uma coisa à toa, uma noitada boa
Um cinema, um botequim.”
– Chico Buarque

Não faltaram, nas artes como um todo, referências à figura da prostituta. Só para citar um exemplo inicial, dentre tantos, a música *Folhetim*⁴, composta em 1978 por Chico Buarque e interpretada por Gal Costa, traz à tona resquícios do cotidiano da vida de prostituta, em que um de seus versos ecoa a seguinte passagem: “*sou dessas mulheres que só dizem sim*”. Esse e os demais versos mostrados na epígrafe acima evidenciam, claramente, a vida de uma mulher que só diz “sim”, ação essa que já indica um ser que trabalha com a prostituição, ou seja, com a venda do seu corpo, que é o produto – vendido por “uma coisa à toa”.

Além desse exemplo, Vidigal (2015) realizou uma matéria⁵ em que mostra doze músicas que, de certa forma, retratam a prostituição, sendo elas; *A dama do cabaré* (1936) – Noel Rosa; *Quem há de dizer* (1948) – Lupicínio Rodrigues e Alcides Gonçalves; *Dolores Sierra* (1956) – Wilson Batista e Jorge de Castro; *Eu vou tirar você desse lugar* (1972) – Odair José; *Cabaré* (1973) – João Bosco e Aldir Blanc; *Ana de Amsterdã* (1973) – Chico Buarque e Ruy Guerra; *Folhetim* (1978) – Chico Buarque; *Geni e o Zepelim* (1978) – Chico Buarque; *Garoto de aluguel* (1980) – Zé Ramalho; *Tango de Nancy* (1985) – Chico Buarque e Edu Lobo; *Flores Horizontais* (2000) – Oswald de Andrade e Zé Miguel Wisnik; e *Taça de ouro* (2009) – José Amâncio e Leonito.

Na literatura, de modo mais específico, a prostituta também adquiriu espaço como personagem, ocupando um lugar de prestígio e de destaque no imaginário coletivo por meio de obras diversas de autores, como Jorge Amado, em *Tereza Batista cansada de guerra* (1972); José de Alencar, em *Lucíola* (1862); Adolfo Caminha, em *Bom-Crioulo* (1895), Charles Bukowski, conhecido como o “último escritor maldito da literatura norte-americana”, só para citar um exemplo para além da literatura brasileira com a obra *Factótum* (1975), e tantos outros.

⁴ Aos interessados, a letra desta canção encontra-se disponível em: <https://www.letras.mus.br/chico-buarque/85968/>. Acesso em: 31 de jan. 2022.

⁵ Disponível em: <https://esquinamusical.com.br/12-musicas-brasileiras-sobre-prostituicao/>. Acesso em: 1 de jul. 2022.

Acerca da complexidade que envolve o tema da prostituição na literatura brasileira, Figueiredo (2005) ilustra que

[...] a Literatura também se ocupa desse tema [da prostituição feminina], projetando as causas e efeitos desse fenômeno social. Por meio de romances, contos, poemas, a Literatura traz à tona a imagem da prostituta, dando-lhe voz e lhe humanizando perante a sociedade. Em seu poema *Balada da prostituta*, o escritor alemão Bertold Bretch coloca em foco o sentimento de uma prostituta que assume uma postura amarga, porém conformista de sua situação[...]. Na prosa, Alexandre Dumas Filho traça o perfil de uma cortesã do século XIX no famoso romance *A dama das camélias*. [...] A temática da prostituição também recebeu enfoques na Literatura Brasileira. José de Alencar foi um dos primeiros autores a discutir o tema; ao estrear a peça *Asas de um anjo* (1858), [...] quatro anos após a proibição de sua peça, Alencar retoma o tema das cortesãs no romance *Lucíola*. [...] Mais tarde, delineando os rumos da prosa naturalista, Aluízio Azevedo traça o perfil da personagem Pombinha no romance *O cortiço* (1890) (FIGUEIREDO, 2005, p. 95-96).

Figueiredo (2005) coloca em foco o papel da literatura ao representar, em seus textos, figuras ignoradas e constantemente desprezadas pela sociedade, como as prostitutas. Enquanto arte, a autora defende que a literatura pode trazer à baila a representação desse grupo de mulheres, a fim de oferecer visibilidade e, também, de humanizá-las face ao meio social que ainda a inferioriza.

Não é de se admirar, nesse viés, que diversos trabalhos já se dispuseram a analisar representações da prostituição em obras literárias em seus mais variados contextos, épocas e estilos literários, como a pesquisadora Moreira (2007), responsável por propor uma leitura dessas representações, mais especificamente na literatura brasileira do século XX, por intermédio da perspectiva de “mundo profano” – entendido como o espaço ocupado pela personagem prostituta – e “mundo sagrado” – concebido como o espaço social, isto é, aquele regulado pela moralidade – tomando, dessa forma, a personagem prostituta enquanto mecanismo de integração entre esses dois mundos, uma vez que

Nas ficções, o universo da prostituta é narrado, de forma recorrente, como o espaço do profano, da luxúria, do desregramento moral e social, por influência, em parte, de dogmas religiosos, sociais e políticos de aceitação. De acordo com tal perspectiva, ele representa o local do excesso, da farsa e da dissimulação, povoado por seres humanos estranhamente contraditórios, que não se enquadram ao lócus moral e social de prestígio (MOREIRA, 2007, p. 239).

A prostituta assume, nesse sentido, o papel de mulher que se ocupa de um ambiente marcado pelo profano e pela luxúria, além do desregramento moral de uma sociedade que costuma rebaixá-la enquanto sujeito digno de direitos como quaisquer outros. Há, então, uma

ausência de enquadramento dessas mulheres por parte da sociedade, haja vista que elas vão contra as normas e os padrões impostos ao indivíduo pelo convívio social moderno.

De maneira histórica, durante o século XIX, era corriqueiro, como aponta Meireles (2013), que escritores representassem a prostituição em seus livros, a exemplo do romance *Os miseráveis*, de Victor Hugo, e de outros autores como Flaubert, Guy de Maupassant e Baudelaire, os quais também costumavam representar as prostitutas em suas obras.

Assim, a presença das profissionais do sexo na literatura já pode ser vista em meados do século XIX, pois narrativas ligadas ao tema da prostituição já faziam parte do campo literário latino-americano, conforme defende Moreira (2007). Apesar disso, a estudiosa mostra que é no auge do Romantismo brasileiro que alguns escritores, a exemplo de José de Alencar, viriam a escandalizar o público leitor com romances formados, essencialmente, por mulheres e jovens que apresentavam uma disposição ao trabalho sexual, como a personagem Lúcia, personagem principal da obra *Lucíola*, que se vê empurrada para a prostituição mediante problemas financeiros.

A partir desse momento, Moreira (2007) conclui que representações em torno da prostituta têm sido diversas e recorrentes no cerne da literatura brasileira na medida em que essas personagens passaram a transitar de forma cada vez mais visível. Essa recorrência se encontra visível na obra que aqui será analisada, na qual surgem representações da prostituição feminina que oscilam entre a erotização do corpo feminino e a inferiorização dessas mulheres, como se elas não fossem sujeitos dignos de direitos, por exemplo, conforme será explicitado na seção a seguir.

4 AS PROFISSIONAIS DO SEXO EM CENA: uma análise da prostituição feminina⁶ em *Um Ramo para Luísa*, de José Condé

“Mulher da Vida, minha Irmã.

De todos os tempos.

De todos os povos.

De todas as latitudes.

Ela vem do fundo imemorial das idades e

carrega a carga pesada dos mais

torpes sinônimos,

apelidos e apodos:

Mulher da zona,

Mulher da rua,

Mulher perdida,

Mulher à-toa.”

– Cora Carolina

Primordialmente, José Ferreira Condé (1917-1971) foi um jornalista e escritor literário brasileiro nascido na cidade de Caruaru, no agreste pernambucano.

Teve estreia na literatura a partir de *Caminhos na Sombra*, duas novelas publicadas em 1945, e sua última obra foi *As chuvas*, publicada apenas postumamente em 1972.

Em 1959, lançou o livro *Um Ramo para Luísa*, obra que seria adaptada para o cinema e lhe proporcionaria um reconhecimento, ainda que ínfimo. Sua produção literária não se restringe ao público brasileiro, visto que parte de suas obras foi publicada na Alemanha e em Portugal, resultando na conquista de diversos prêmios, dentre os quais destacamos o Prêmio Coelho Neto, pela publicação de *Terra de Caruaru* (1960). Segundo Costa (2013), Condé foi autor de gêneros variados, que incluem romances, novelas e contos, distribuídos em uma obra quantitativamente modesta (12 títulos).

É comum que muitas pessoas ainda desconheçam tanto o escritor aqui em debate quanto suas obras. Isso ocorre porque, apesar de um caminho literário amplo, Condé não recebeu, em

⁶ Consideramos válido evidenciar que adjetivamos, em muitos momentos, o termo “prostituição” para dar ênfase na prática vivida por mulheres. Escolhemos fazer isso porque compreendemos que, em virtude do machismo estrutural, quando se fala em prostituição, de imediato, surge – quase sempre – a figura da mulher, mas quase nunca nos lembramos de homens nesse ramo, como se não houvesse prostituição entre eles. Acreditamos que esse pensamento ocorra em virtude do machismo estruturante enraizado na sociedade, de modo que nos faz associar, antes de tudo, a mulher para, somente depois, pensarmos no homem. Daí a necessidade de enfatizar que, neste estudo, focamos na prostituição feminina, a fim de que não nos esqueçamos de que há, embora mais sutil, a prostituição masculina.

sua época, o devido valor por parte da crítica literária, o que talvez explique seu apagamento na história de nossa literatura. Não à toa, em 2013, o pesquisador Edson Tavares Costa defendeu sua tese de doutorado intitulada *A construção e a permanência do nome do autor: o caso José Condé* que buscava, dentre tantos propósitos, debater a respeito da invisibilidade de José Condé em nossa literatura. A tese, posteriormente, foi publicada em formato de livro com o título *O nome do autor: o caso José Condé*. Dessa maneira, aos interessados em conhecer melhor sobre esse escritor, recomendamos a busca pelos textos citados.

Um Ramo para Luísa, objeto de estudo nesta pesquisa, volta-se a uma narrativa cujo foco predominante é o do narrador em primeira pessoa, o qual relata sentimentos como tristeza, solidão e decepção, bem como a incansável busca do autoconhecimento que o leva a perambular por lugares do Rio de Janeiro.

No tocante à linguagem, predomina a utilização de diálogos rápidos e conversações diretas, os quais são descritos em *flashbacks*, ou seja, constantes interrupções na sequência de linha temporal, que, em determinados momentos, ora permanece no presente ora retorna ao passado ou se desloca para o futuro. Esse recurso de tempo narrativo é usado por muitos autores, a exemplo de Machado de Assis, na obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, em que, de forma brilhante, narra a história em uma sequência não linear.

A forma como José Condé guia os personagens e os interliga à narrativa faz com que as descrições dos ambientes visitados pelos personagens se tornem vivas no processo psicossocial do leitor, uma vez que, por meio da simplicidade, consegue transformar fatos que ocorrem naturalmente no cotidiano em sentimentos pertencentes à literatura, como ocorre, por exemplo, nas descrições minuciosas dos lugares visitados pelos personagens; nos sentimentos aflorados devido às constantes tensões ecoadas ao longo da narrativa; nos dramas vivenciados nas experiências dos personagens, dentre outros.

A obra foi dividida em cinquenta e um capítulos consideravelmente breves e sem título. Por si só, a narrativa se sistematiza em torno dos *flashbacks* – que já foram mencionados anteriormente – os quais trazem à tona as vivências e as memórias do narrador, sendo o personagem protagonista, que, do começo ao fim, opta por omitir o seu nome – omissão essa planejada pelo escritor e, pois, não pode ser entendida ao acaso. Por causa disso, ao final desta pesquisa, buscaremos apresentar uma justificativa que explique o motivo por que o protagonista resolve, durante toda a narrativa, camuflar seu nome.

Assim, o diálogo entre o personagem narrador (visto ao longo da obra como um jornalista divorciado e solitário) e uma mulher, cujo nome ainda não fora apresentado, marca o começo do romance.

– O senhor a conheceu? – perguntou-me a mulher gorda.

– Não.

– E por que está aqui?

– Li no jornal.

A mulher gorda voltou a sentar-se ao lado do caixão.

Ninguém mais na pequena capela do necrotério. É verdade: havia um cheiro solto no ar (além do que se desprendia das velas acesas) – cheiro da terra lavada pela chuva que o vento da noite trazia até nós.

De vez em quando a mulher me olhava, desconfiada, e eu julgava que ela ia indagar novamente: “E por que está aqui?” Como não conseguisse libertar-se do seu exame paciente e quase irritante, decidi erguer-me e saí para a rua e para a chuva que havia aumentado (CONDÉ, 1961, p. 1).

A partir desse diálogo, algumas reflexões e/ou ponderações podem surgir: primeiro, o narrador afirma não conhecer a defunta, mas por qual motivo então ele se encontra nesse lugar? Segundo, no enterro, há apenas a presença dessa mulher gorda desconhecida e o narrador, o qual nos leva a inferir que a defunta parece assumir pouca importância, a julgar pela ausência de pessoas no enterro. Terceiro, por que o narrador se sentiu inquieto face ao questionamento da mulher a respeito do motivo de ele estar lá, tendo em vista que (supostamente) não a conhecia?

Assim se dá a forma como Condé conduz a narrativa: incitando nos leitores diversos tipos de possibilidades de interpretação sob uma linguagem direta, mas rica em detalhes, pois a narrativa evidencia os dramas vividos por mulheres; a constante insistência que o narrador possui ao procurar por uma mulher que, ora parece agradá-lo, ora parece destruí-lo; bem como ilustra o incômodo do narrador ao se encontrar apaixonado por uma meretriz, fato esse que não o deixa confortável para assumi-la, provavelmente, devido à pressão exigida por uma sociedade que exclui esse tipo de mulher e, também, porque ele possuía um cargo ocupacional importante – o de jornalista. Nesse sentido, podemos compreender que uma relação entre um homem com alto poder aquisitivo e uma prostituta não seria bem vista para a sociedade daquela época.

Por meio de *flashbacks* provocados por fluxos de consciência do narrador, passamos a conhecer a história de Luísa, seu cotidiano permeado por dores e aflições, sua entrada e, consequentemente, o seu final trágico no (sub)mundo da prostituição.

A primeira vez que eles se encontraram foi em um bar noturno, enquanto “a vitrola tocava um *fox*” (CONDÉ, 1961, p. 7). É interessante assimilar que esse bar noturno pode ser facilmente associado aos bordéis. A respeito deles, Del Priore (2011a) evidencia que

Bordel era sinônimo de “*rendez-vous*”, “*maison-close*”, lupanar. Ali, o debache era espetáculo e o prazer, efêmero e pago. [...] Considerado por uns uma fábrica de fantasias eróticas e por outros uma cloaca onde se despejavam

imundícies, o bordel foi o espaço em que os prazeres menos confessáveis afloravam escondidos de toda publicidade (DEL PRIORE, 2011a, p. 84-85).

Após esse primeiro contato, é narrada, em seguida, uma discussão de Luísa com uma outra prostituta a respeito de uma dívida e, por isso, Pablo – proprietário do bar – decide expulsá-la.

O espanhol, dono do bar, saiu de trás do balcão e aproximou-se das mulheres:

– Se ustedes querem broncar vão lá para fuera
Virando-se para a morena:
– A partir de amanhã usted não me entra mais acá.
Ela começou a chorar (CONDÉ, 1961, p. 8).

O narrador, eventualmente comovido de sentimentalismo pelo choro da prostituta naquela noite, pede a uma meretriz, que estava sentada ao seu lado, para entregar mil cruzeiros à Luísa. Dessa forma, o foco da prostituição surge já no segundo capítulo da obra, quando o narrador mostra sua opinião.

Era bonita, possuía pernas longas, gordas e quentes. Meti a mão no bôlso e tirei o dinheiro para pagar. Sabe o que ela me disse? Não quero nada de você. Eu estava desesperada da vida e você foi carinhoso comigo. Não quero o seu dinheiro. (CONDÉ, 1961, p. 3).

A presença do dinheiro comprova a temática de que a prostituição nada mais é do que uma negociação. No trecho, percebe-se o desejo do narrador ao possuir o corpo da mulher e, em favor disso, oferece-lhe, como forma de pagamento, o dinheiro. O corpo sensual e, sobretudo, erótico da prostituta realizado na mente do narrador alude à ideia do sexo fácil – uma vez que basta possuir dinheiro para poder usufruir de uma mulher – considerando, assim, o corpo feminino como uma simples mercadoria. Acerca disso, Beauvoir (2009) demonstra que as mulheres, desde mesmo a infância, são orientadas à adoção de determinados comportamentos e a usos específicos de vestimentas. Com isso, sofrem exigências e participam de jogos que costumam apontar modos “corretos” para se educar homens e mulheres.

Na narrativa, observamos que o motivo geral que leva o narrador a frequentar esses lugares em busca de meios que satisfaçam seus desejos libidinosos se encontra no fato de que, embora leve uma vida bem frequentada e requintada, o sentimento de solidão se apodera dele.

Não sei há quanto tempo estou na rua. Choveu. [...] Andei. Estive em dois ou três cabarés, já nem lembro. Estive também num cabaré. Uma mulher morena se sentou ao meu lado. Ai, Deus, esse cheiro de uísque, de mulher da vida, de cigarro. Aquêle quadro na parede, a mulher nua – sexo, sexo, apenas sexo. Porcaria de vida. (CONDÉ, 1961, p. 4).

É notória a infelicidade do narrador frente à realidade vivida. Por mais que viva cotidianamente em lugares em que seus desejos são realizados facilmente, ainda assim não se encontra totalmente satisfeito, tampouco feliz consigo mesmo, tanto é que até o lugar tão frequentado por ele já assumiu um cheiro específico que o enoja. É em virtude de tantos encontros e desencontros com “putas em cabarés” que ele, sem ao menos perceber, encontra-se apaixonado justamente por uma meretriz: “Ah, se a mulher gorda soubesse quanto eu a amava – como ela e eu éramos uma só coisa, uma só carne, um só pecado.” (CONDÉ, 1961, p. 10).

Surge, pois, uma dualidade: esse relacionamento que, outrora, parecia inadmissível e incoerente, agora, por outro lado, torna-se o fio condutor e gerador de conflito ao longo de toda a narrativa. Desde já, destacamos o fato de que, embora em muitos casos a relação surja somente como uma negociação, os sujeitos envolvidos na prática podem se envolver naturalmente dada a continuidade de seus encontros.

No que tange aos espaços físicos em que os personagens estão imersos, há um diálogo entre duas prostitutas que não pode ser desconsiderado: “Odeio esta vida e tenho nojo dos homens; nojo do dinheiro e do amor deles.” (CONDÉ, 1961, p. 3). No fragmento, a personagem afirma odiar a vida que vive, inclusive daqueles que a pagam em troca de sexo. Em contrapartida, uma outra personagem adentra no diálogo e afirma que

Eu tenho nojo dêles; do dinheiro dêles, não. Veja só como aquêle sujeito baixo e careca não tira os olhos de cima de nós duas. Chego a ter repugnância. Mas, se êle me convidar e tiver gaita para pagar, eu fico logo boazinha, você verá. A vida é assim mesmo, minha filha (CONDÉ, 1961, p. 3).

Essa segunda personagem – que não é nomeada – apresenta uma opinião totalmente divergente da de sua colega. Embora ela sinta nojo dos tipos de homens que buscam o sexo pago, ainda assim, o que se sobrepõe nesses tipos de situações é o pagamento feito em dinheiro. A própria figura dessa mulher, portanto, acaba por se colocar sob uma condição de mercadoria ao vender o seu próprio corpo, pois, segundo ela, não se escolhem clientes, basta somente que tenham condições de pagar pelo serviço realizado.

Além da ideia do corpo feminino atuando somente como um produto, é comum, na narrativa, momentos nos quais personagens secundários promovem a sexualização da figura da mulher, conforme se verifica no trecho abaixo, em que o personagem Ricardo orgulha-se, com seu amigo, da mulher com quem está dançando simplesmente por ter um corpo avantajado, desmerecendo, dessa forma, quaisquer outras qualificações que ela pudesse ter.

Mário Moreira dançava com Teresa, Miroel com Isabel e o poeta Ricardo Melo com uma morena, chegada há pouco da Bahia, que o acompanhava.

‘Minha última conquista’ – disse. ‘É buríssima, coitadinha, mas em compensação possui um par de coxas respeitável’. (CONDÉ, 1961, p. 33).

A ideia do corpo avantajado já parece aludir àquilo que é exorbitante, neste caso, o “par de coxas”, característica essa indiscutivelmente benéfica às mulheres que trabalham com a prostituição se considerarmos que os homens sentir-se-ão mais interessados nelas. Outrossim, a fala do personagem, ao final, representa claramente uma metonímia, que consiste em uma figura de linguagem responsável pela substituição de um termo por outro, aqui utilizada por meio da expressão “um par de coxas respeitável”. Isso demonstra, com nitidez, a representação dessa mulher não em sua totalidade, mas em suas partes. É interessante perceber, ainda, a ausência de intelectualidade atribuída à mulher – aqui citada pelo uso do termo “burríssima” – que demarca um elemento negativo na construção criada, pois associa as mulheres desse ramo à falta de inteligência e, de modo geral, à imbecilidade.

Nessa perspectiva de uma sexualização fácil e barata, a prostituição serve tão somente “para atender ao prazer masculino, uma vez que em nossa cultura o sexo não é uma desonra para o homem.” (VIEIRA, 2016, p. 52). Não à toa, foram justamente as prostitutas as responsáveis, há muito tempo, por introduzir adolescentes e/ou homens maduros nas relações sexuais, tanto é que, conforme Del Priore (2020c) salienta, diversos pais com alto poder aquisitivo pagavam as cortesãs para iniciar seus filhos nas práticas sexuais.

Continuando essa linha de pensamento, destacamos, ainda, outro personagem secundário identificado por Leão. Este, por sua vez, apresenta a figura da mulher como uma simples mercadoria e como uma mão de obra barata, pois trabalha diretamente com o tráfico sexual de mulheres, como podemos confirmar no trecho abaixo.

– É simples: descubro mulheres bonitas e remeto-as para Salvador, Recife, Londrina ou Maringá. Ontem mesmo seguiu uma remessa para Londrina. Estamos na época da safra do café no Paraná, e mulheres bonitas têm lá o mesmo valor do café (CONDÉ, 1961, p. 100).

Leão chega a elaborar um paralelo implícito da mulher com o café, corroborando uma visão da figura feminina enquanto um mero produto comercializável. Essa visão se dá porque, conforme Vieira (2016, p. 67), “as profissionais do sexo são reduzidas a objetos de desejo, desprovidas de memórias afetivas, ignoradas ou negadas por praticarem uma sexualidade insubmissa.”. Na narrativa, Leão diz “Venho aqui tôdas as noites. Vou noutros lugares também. É preciso estar de olho nas possíveis mercadorias.” (CONDÉ, 1961, p. 101). Logo em seguida, é questionado pelo seu amigo se ele se sente tranquilo levando esse tipo de vida, ao qual responde abertamente: “O importante é ganhar dinheiro filho.” (CONDÉ, 1961, p. 101). Esse

diálogo, embora breve, é preenchido de um tom de superioridade em considerar que possui algum direito sobre o corpo de alguma mulher, chegando a traficar seres humanos como se fossem “cafés” ou “mercadorias”, como ele mesmo menciona.

Além disso, outro fato que merece destaque no romance diz respeito à forma como o narrador encara o exercício da prostituição, sendo, em diversos momentos, preconceituoso e bastante discriminador com mulheres que prestam esse tipo de serviço. Revela-se, portanto, um estilo de vida completamente contraditório, já que, ao mesmo tempo em que condena tal prática, não deixa de participar nem de usufruir disso.

Meu Deus, eu a teria amado, realmente? Numa das primeiras vêzes em que saímos juntos, perguntei-lhe de maneira um tanto estúpida, reconheço:

– Você gosta desta vida que leva?

Luísa sorriu e respondeu com uma pergunta:

– Você gostaria de dormir com mulheres por quem não tem o menor interesse?

E seria:

– Tenho nojo do homem que paga para dormir com mulher (CONDÉ, 1961, p. 13).

Além do destaque da própria desvalorização que Luísa apresenta de si e do que faz, torna-se evidente o modo preconceituoso como o narrador se dirige a ela. Quando ele questiona se ela gosta desta vida que leva, consequentemente, ele se coloca como um ser machista ao se considerar superior à meretriz, sendo que, na verdade, ele está comprando o corpo de uma mulher para satisfazer os próprios desejos da carne. Essa desvalorização relacionada às prostitutas já era visível no século XIX, por exemplo, em que visões hipócritas dos homens reinavam sobre essas mulheres, pois os mesmos homens que as denigrem são, também, os mesmos que pagam para ter posse de um corpo feminino. Sobre essa degradação moral, Del Priore (2011a) salienta que

Na tradição cristã que vinha desde os tempos da colônia, a prostituta estava associada à sujeira, ao fedor, à doença, ao corpo putrefato. Esse sistema de correlação estruturava a sua imagem; ele desenhava o destino da mulher votada à miséria e à morte precoce. O retrato colaborava para estigmatizar como venal tudo o que a sexualidade feminina tivesse de livre. Ou de orgiáco. A mulher que se deixasse conduzir por excessos, guiar por suas necessidades, só podia terminar na sarjeta, espreitada pela doença e a miséria profunda. Ameaça para os homens, maus exemplos para as esposas, a prostituta agia por dinheiro. E, por dinheiro, colocava em perigo as grandes fortunas, a honra das famílias. Enfim, era o inimigo ideal para se atirar pedras (DEL PRIORE, 2011a, p. 89-90).

Apesar de o narrador frequentar cabarés e sair com várias meretrizes, isso não é motivo para deixar de sair com “mulheres certas”. Um exemplo disso é o fato de ele se encontrar várias vezes com Irene, até então sua amiga com quem tem mantido relações sexuais algumas vezes.

O problema disso reside no fato de que, com Irene, ele também se apresenta como autoritário e, sobretudo, como um ser machista que trata a mulher como algo inferior, servindo somente como uma válvula de escape para os seus desejos carnais.

Desejava-a, realmente. Gostava do seu corpo, da sua maneira ardente e total de amar. Entretanto, terminada a posse, deitado ao seu lado, sentia enorme cansaço se apoderar de mim. [...] Ah se ela soubesse como era doloroso permanecer ao lado de um corpo que já me saciara, se soubesse (CONDÉ, 1961, p. 22).

Logo, notamos que não é apenas com prostitutas com as quais sai uma vez ou outra que ele assume uma posição de autoridade e dominador, mas com todas as mulheres com as quais ele resolve se relacionar, uma vez que chega a afirmar que é doloroso ter de permanecer ao lado de uma mulher que já “fez o seu serviço”. Isso demonstra a forma como a figura da mulher é encarada ao longo da narrativa, como novamente acontece em: “(Puxa, como a Irene está boa. Só de olhar para as pernas dela...) Irene já parou de beber? (Ah, se ela quisesse ir para a cama comigo...)” (CONDÉ, 1961, p. 20), revelando o personagem com uma imagem sexualizada, erótica, preconceituosa e, acima de tudo, exterioriza-se uma imagem feminina mimetizada acerca da mulher, tendo em vista que as pernas resumem todo o ser de “Irene”. Sobre essa representação da mimetização, Bellin (2011) ressalta que

Tal representação parece ser uma forma de mimetizar as condições da mulher na sociedade patriarcal do século XIX, época na qual se verificou um enorme patrulhamento da sexualidade feminina, juntamente com os manuais de conduta, que preconizavam não só a repressão sexual como também o recato, o isolamento e a submissão feminina (BELLIN, 2011, p. 10).

Ademais, sobreleva-se o caráter de dominador e o sentimento de posse do narrador sobre um corpo que, inclusive, é de outra mulher e não dele. Tal sentimento de posse pode ser evidenciado em: “Pensei em Irene e tive raiva: ‘De que vale uma mulher que a gente só pode ver uma vez por outra?’” (CONDÉ, 1961, p. 34). Esse pensamento de posse que o homem tem em relação à mulher é típico de sociedades que tenham o patriarcalismo como base, uma vez que, nesses cenários específicos, o patriarcado impôs ao homem o direito de pertencer sobre si e sobre os outros, de modo a torná-lo “dono” de si e de suas relações com os demais.

No romance, é inegável que o personagem já estava apaixonado por Luísa, dentre muitas justificações, o fato de ter desenvolvido ciúmes quando a via entrar em lugares acompanhadas com outros homens: “Luísa estava acompanhada. Viu quando entrei, porém não pareceu dar a menor importância [...] e, ao passar diante de mim, nem sequer me dirigiu o olhar. ‘Ordinária’

– pensei.” (CONDÉ, 1961, p. 45). Ao se reencontrarem novamente, três dias após, Luísa tentou explicar-se, conforme ilustra o diálogo:

- Você sabe: é a minha profissão
- Pelo menos, não custaria nada ter me cumprimentado.
- Estava acompanhada.
- E daí?
- Você não conhece os homens, não sabe como são egoístas e grosseiros perto de mulher que está recebendo dinheiro dêles (CONDÉ, 1961, p. 45).

Na tentativa de se explicar, Luísa aponta, como argumento, o fato de que isso faz parte de sua profissão. Não obstante ele conteste a fala da meretriz, ela continua firme ao completar seu primeiro posicionamento ao ressaltar que a maioria dos homens são egoístas quando estão por perto de uma mulher que o satisfaz e, sobretudo, que a pagam para prestar serviços. Nesse contexto, de acordo com Vieira (2016), a prostituição se apresenta como um conjunto de relações realizado entre duas ou mais pessoas, isto é, o vendedor (a prostituta) e, consequentemente, o comprador (o cliente), em troca de um produto (o sexo).

Apesar de, inicialmente, parecer apenas só mais um caso com um cliente qualquer, o trecho acima, em especial a última fala, revela que Luísa vê o narrador de forma diferente dos seus demais clientes, pois já se tem um envolvimento mais sólido com ele. Em outras palavras, a própria justificativa dada por Luísa demonstra a relevância dele em sua vida.

Isso posto, não é nenhuma novidade, portanto, que Luísa, protagonista da história, sofra bastante – embora nem sempre demonstre – com o modo como o narrador a trata, como no diálogo abaixo em que se revela o afronte do narrador ao questioná-la se Luísa é o seu verdadeiro nome ou se é “nome de guerra”. A vontade do narrador ao desejar saber o nome verdadeiro da prostituta alude à ideia de aproximação, ou seja, demonstra desejo em conhecer mais sobre a mulher com a qual tem mantido relações sexuais, caracterizando, portanto, um envolvimento amoroso que vai muito além do sexo pago.

Examinava-a:

- Estou notando melhor agora: você é bonita, Luísa. Sinceramente. Muito bonita. Gosto dos seus olhos tristes. Diga: você se chama mesmo Luísa, ou é nome de guerra?

Sorriu:

- Um nome tem assim tanta importância? Eu sou eu (CONDÉ, 1961, p. 28).

Em virtude de já conhecer a forma como Luísa leva sua vida, o narrador chega a caracterizá-la como uma mulher de olhos tristes, como se todas as mulheres que trabalham com a prostituição fossem infelizes nesse ramo. Cabe ressaltar, no entanto, que o fato de uma mulher

trabalhar com a prostituição não significa, necessariamente, que esta não seja feliz ou não consiga viver bem como em qualquer outra profissão, uma vez que:

[...] o papel da prostituta não se reduz ao ato sexual. No seu âmbito de trabalho, há regras morais a serem cumpridas, o que não lhe tira a possibilidade de se divertir com os clientes, fazendo suas escolhas: transar ou não transar, prevenir-se ou não se prevenir contra doenças sexuais e gravidez, envolver-se sentimentalmente ou não com seus clientes, “atender” àqueles que paguem melhor, permanecer ou não na “vida fácil”, entre outras” (VIEIRA, 2016, p. 66).

Outrossim, destaca-se o desrespeito com o qual a resolute interrogar, chegando a supor se ela teria dito, ao menos, o seu nome verdadeiro, posto que

O âmbito público é visto como a batalha, onde **o corpo é a arma a ser usada no combate na zona de prostituição. Tenta-se manter separados esses dois campos também através do anonimato dado por um nome de guerra**, que pode mudar de semana a semana (ALVAREZ; RODRIGUES, 2001, p. 59, grifo nosso).

O “nome de guerra”, na prostituição, subentende-se a criação de uma nova identidade para essa mulher. É como se, fora desse ramo, a mulher fosse uma pessoa totalmente diferente de quando está prestando os seus serviços sexuais. Nesse contexto, o nome configura-se como elemento portador de significado, isto é, de material identitário que revela as características do ser. Dessa maneira, muitas mulheres optam por utilizar outros nomes, eventualmente, como uma tentativa de criar uma nova identidade para si mesma, o que não ocorre na narrativa, tendo em vista que a personagem realmente utiliza seu nome real.

Sob um novo prisma, há uma parte da obra imprescindível para entender algumas das inúmeras razões que levaram a personagem Luísa a adentrar no mundo da prostituição. Em um dos encontros do narrador com Luísa, há o seguinte diálogo:

Luísa:

- Por que depois de dormir com uma prostituta, todo homem começa logo a fazer perguntas a respeito da vida dela?
- Não sei. Você me disse que não conheço os homens. Ainda mais: não perguntei por curiosidade. Gostei de você, Luísa, e, se a conhecer melhor, gostarei ainda mais. Me desculpe se fui grosseiro.
- Não você não foi grosseiro. Queria ganhar tempo. Como se estivesse contando até dez. Sabe, às vezes não consigo resistir à tentação de contar minha vida aos estranhos (CONDÉ, 1961, p. 51).

Luísa se examina acerca dos questionamentos que todos os homens fazem logo após uma relação sexual. É evidente o seu descontentamento quanto às perguntas feitas, uma vez que ela só está naquele lugar para prestar seu trabalho sexual e, sendo assim, sua vida pessoal de

nada interessa aos outros. Contudo, na última fala do trecho, Luísa finalmente declara que, embora nem sempre queira fazer isso, ela acaba contando fatos pessoais de sua vida aos seus clientes.

Essa fala da personagem evidencia o sentimento de solidão em que ela se encontra, pois, por não ter alguém próximo ou alguns amigos, acaba tendo que desabafar seus sentimentos ao primeiro que lhe perguntar sobre sua vida. Del Priore (2013b) demonstra que, ao longo da História, mulheres e solidão têm andado de mãos juntas. Como razões para isso, a pesquisadora aponta a enorme entrada da população feminina no mercado de trabalho, que as afastou do ideal arcaico de nossas avós, tais como casar, viver ao lado do marido e ter diversos filhos.

No romance, percebemos que, apesar de não gostar de responder a fatos de sua vida com os homens, opta por falar abertamente, tendo em vista que deve ser muito raro alguém aparecer em sua vida com o verdadeiro intuito de querer saber da sua vida por simplesmente gostar da presença dela, e não para, logo em seguida, querer usá-la na cama. Dessa forma, ela resolve, finalmente, contar ao narrador aspectos pessoais sobre sua vida.

– Lembra-se de que um dia eu lhe disse que odiava meus pais? Era verdade. Meu pai trabalhava no Cassino da Urca distribuindo fichas de jôgo. Voltava para casa quando o dia estava amanhecendo. Minha mãe não gostava dele, vivia recebendo homens, nem se importava com minha presença. Todas as noites eram a mesma coisa: eu ficava ouvindo êles gemendo no quarto ao lado. Metia a cabeça no travesseiro, mas era inútil. [...] Tinha nojo daquilo e gostaria de contar tudo. Mas minha mãe sabia que eu não teria coragem para tanto. Meu pai [...] era um homem fraco e sem moral. [...] Uma manhã não voltou para casa: [...] Passamos fome, deixei de frequentar a Escola Normal, chorava o tempo todo. Foi, então, que descobri: o dinheiro era muito mais importante do que eu supunha. Meu pai tinha razão: dinheiro era tudo na vida (CONDÉ, 1961, p. 52).

O trecho acima revela, explicitamente, alguns motivos que levaram a protagonista a adentrar nesse ramo de vida. É visível, por exemplo, que o meio em que ela cresceu contribuiu significativamente nas suas escolhas ao longo da vida. Luísa demonstra sua tristeza em ter tido uma mãe que levava homens para casa e sequer tinha a decência de afastar os filhos durante as práticas sexuais. Ela cresceu tendo nojo da vida que a mãe carregava e, infelizmente, repetiu – de maneira consciente ou não – os mesmos insucessos dela. Além disso, teve um pai que não se importava com a família e fugiu após seu trabalho no cassino ter dado errado, abandonando, portanto, a esposa e a filha ainda pequena. Crescer sem uma família presente e totalmente fora dos padrões de sua época, bem como ter passado por sérios problemas, como ter passado fome, de alguma forma contribuiu para que Luísa vivesse também uma vida degredada e destinada ao insucesso.

O diálogo se encerra quando a personagem diz concordar com o seu pai ao ressaltar a importância do dinheiro na vida de alguém. Tal concordância pode sugerir que, se Luísa tivesse grana o suficiente para viver sem se preocupar com trabalho, certamente ela não seria prostituta. Nisso, Alvarez e Rodrigues (2001) afirmam que as possibilidades de saída do mundo da prostituição são bastante escassas, tendo em vista que essas mulheres, em sua grande maioria, apresentam baixa escolaridade, não possuem qualificação profissional e, por isso, deparam-se com os altos índices de desemprego. Logo, a prostituição surge como o único meio de sustento para si mesma e para sua família.

Pela primeira vez na narrativa, conhecemos uma Luísa mais madura e, sobretudo, mais confiante em contar detalhes únicos e bastante pessoais sobre sua vida a um cliente que estava apaixonada. Em seguida, ela diz: “Não quero gostar de ninguém. [...] Mas aconteceu. Paciência. Embora eu não quisesse gostar de ninguém, repito.” (CONDÉ, 1961, p. 32). A respeito disso, sabemos que ter como profissão de vida a prostituição tem como principal meta não gostar, muito menos se apegar a clientes, haja vista que, caso isso aconteça, o trabalho seria prejudicado, ou melhor, poderia até perder alguns trabalhos com homens por causa de sua relação íntima e direta com um só. Isso corrobora com questões levantadas anteriormente, na qual Luísa parece ter entrado nesse mundo não por ter escolhido livremente, mas por uma questão de necessidade, ou melhor, de dinheiro.

Ao longo do romance, outras meretrizes também são apontadas na obra, entretanto elas não divergem nos motivos de entrada no mundo da prostituição, muito pelo contrário. Ambas apresentam a necessidade de dinheiro como principal motivo, como em: “Se não fôsse por minha filha, que tem dois anos; você acha que eu estaria fazendo a vida, sendo obrigada a dormir com qualquer cara que tenha dinheiro para me pegar?” (CONDÉ, 1961, p. 64). Essa realidade apontada no trecho também é frequente na sociedade hodierna, em que, seja por fatores sociais ou econômicos, mulheres adentram nessa modalidade de vida por ter filhos menores que dependem do dinheiro adquirido de práticas sexuais para (sobre)viverem.

Em virtude de essas mulheres se submeterem a essas condições, na maioria das vezes, são inferiorizadas e discriminadas pelos demais. O trecho a seguir exemplifica esse fato:

– Você é apenas uma puta, Luísa.
Ela sorriu:
– Tem razão: sou apenas uma puta.
Cobriu o rosto com as mãos. Foi seu único gesto de defesa. Soluçava, também. Nem sei mesmo porque chorava. E eu não poderia suportar aquilo. Não podia, juro. Voltei então a golpeá-la nos braços, na cabeça, uma, duas, três vezes seguidas (CONDÉ, 1961, p. 67).

Três problemas são evidenciados a partir da análise desse diálogo: o primeiro fato refere-se ao modo agressivo com o qual o narrador se impõe ao chamá-la de puta. Sobre ser chamada dessa maneira, Sousa (2012, p. 29) adverte que

A diversidade semântica ligada à prostituição é notada a partir dos diferentes vocábulos empregados para referenciar a pessoa que exerce essa prática social, de tal modo que a prostituta pode ser denominada como puta, quenga, garota de programa, meretriz, mulher de vida fácil, decaída, perdida, mariposa, trabalhadora do sexo, rameira, mulher da vida, profissional do sexo, etc.

No contexto em que os personagens se inserem, é de comum acordo que o uso do adjetivo “puta” foi utilizado para depreciar a imagem feminina, a fim de menosprezá-la e diminuí-la enquanto mulher. Soma-se a isso a utilização da expressão por ele usada “apenas uma”, que sinaliza a forma como ele a inferioriza e a desmerece como um indivíduo social. O segundo fator a ser mencionado refere-se à agressão que ele pratica, pois, como se não bastasse a violência verbal, ele consegue ir mais além e chega a agredi-la com golpes nos braços e na cabeça. O terceiro e último problema diz respeito ao modo como ela lhe responde, concordando com o fato de ser apenas uma puta.

Em outras palavras, sabemos que, obviamente, a personagem não se limita apenas a essa caracterização de sua identidade, mas, durante a discussão, ela opta por se calar e, por fim, consente devido à pressão sofrida naquele momento. No que se refere à cultura do silenciamento da mulher, Perrot (2003) demonstra que o peso do silêncio feminino é manifestado em seus corpos por meio de diversas formas, como pela imposição de atributos e/ou padrões delimitados de comportamentos que envolvem desde a forma como a mulher ergue sua voz e se expressa até a maneira como elas conseguem sorrir ou chorar.

Desse modo, averiguamos que a condição na qual a figura feminina se encontra, neste momento, é a de submissão, tendo em vista que, além de tudo o que ela já havia passado por causa do narrador, por último, surge mais um caso de agressão e, agora, a física. A ideia de passividade imposta ao ser feminino não se trata de um dado biológico, mas da ação de sujeitos que, desde os primeiros anos, ensinam às mulheres que é preciso renunciar a sua autonomia para agradar ao homem. Por conseguinte, mulheres crescem e se desenvolvem desencorajadas de se afirmarem enquanto sujeitos de direitos (BEAUVOIR, 2009).

No momento da agressão, é relevante percebermos que o narrador justifica sua violência ao colocar como principal motivo a questão do ciúme, mesmo que, em seguida, ele negue isso.

Muitas mulheres passaram pela minha vida. Com Luísa, foi diferente. E não pense que a esbofetei naquela noite, por ciúme. Juro como não foi. Foi raiva

da cegueira dela. Sei que ela me ama, embora odeie esse amor; embora precise tanto dêle quanto eu. (CONDÉ, 1961, p. 68-69).

Essa negação é utilizada pelo personagem, nesse contexto específico, apenas como um suporte falso para lidar com o fato de que o personagem agrediu alguém de que, aparentemente, gostava. Dessa forma, torna-se mais fácil e viável, para ele, poder conviver com a ideia de que, no fundo, a agressão não foi motivada por ciúmes, pois isso implicaria laços afetivos mais sólidos, sentimento esse o qual próprio personagem não gostaria de sentir.

Essa perturbação do personagem, ao se deparar apaixonado por uma prostituta, é suficiente para que o narrador se questione, em diversos momentos da trama, sobre um possível relacionamento com uma meretriz, como em: “Compreende agora como Luísa é importante para mim, o quanto preciso dela? Que importa que seja uma puta?” (CONDÉ, 1961, p. 69), mas mesmo assim parece recusar tal possibilidade, haja vista que ele age tipicamente como um representante da sociedade hodierna. Mesmo que amasse Luísa, jamais conseguiria aceitar e conviver com uma mulher cujo status é projetado como fora dos padrões da sociedade vigente de sua época, mesmo que ele quisesse “ter a coragem de ser eu mesmo.” (CONDÉ, 1961, p. 69).

Essa fala do narrador evidencia, de modo bastante explícito, a opressão masculina em que o personagem está fadado a viver: uma sociedade arcaica que impõe ao homem a obrigação de ter ao seu lado uma mulher culta, sendo ela dona do lar, destinada quase sempre à procriação e aos cuidados com os filhos e com a casa. Nessa perspectiva arcaica, Dolores Juliano (2004) – um dos mais importantes nomes contemporâneos da discussão sobre gênero e sexualidades – demonstra que a ideologia dominante estabelecida costuma separar as mulheres em dois polos divergentes: as más e as boas. Isso representa, nesse sentido, aquelas que procuram ou não seguir às atribuições e às convenções socialmente impostas a elas. Assim, a mulher “boa” é socialmente concebida como aquela, frequentemente, ligada ao campo privado, sendo a mãe/avó/filha/esposa, geralmente, paciente e dedicada ao lar. Em contrapartida, a mulher “má” é, costumeiramente, associada à esfera pública, sendo a depravada/amante/puta/impulsiva.

Dessa maneira, é essa repressão da sociedade imposta ao narrador que faz com que ele, embora se veja (algumas vezes) sendo feliz ao lado de uma prostituta, sofra ao amá-la, pois ele mesmo recusa seus próprios desejos e se torna preso em ideais machistas e preconceituosos. Diante disso, todo o amor que ele diz sentir é impossibilitado de ser concretizado devido às amarras dos (pré)conceitos morais e éticos que a sociedade possui e que, certamente, consegue atingi-lo e influenciá-lo diretamente nas escolhas de suas decisões.

Essa, provavelmente, seja a razão pela qual o narrador protagonista resolve camuflar o seu nome durante toda a trama. Vários nomes de personagens secundários surgem durante o desenrolar da história, mas, em nenhum momento, há uma referência ao nome desse personagem. Isso não pode ser concebido como falha do escritor no processo de escrita do texto, muito pelo contrário. Dentre tantas explicações, podemos inferir que Condé foi mestre ao esconder o nome do personagem principal porque o próprio escritor queria demonstrar ao leitor que um homem com um status social elevado como o do personagem jamais se mostraria, publicamente, com uma mulher “da vida”, pois, conforme mencionado outrora, essa relação jamais seria bem vista entre seus colegas de trabalhos e, também, pelo próprio convívio social no qual eles se encontravam imersos. Nesse sentido, esconder, do leitor, o nome do protagonista com quem Luísa sai revela, implicitamente, raízes amargas de uma sociedade cujo machismo ainda impera, sobretudo se considerarmos que homens – a exemplo do que aqui foi representado – permanecem presos a estruturas sociais que definem seus modos de ser e de agir.

Por fim, cabe-nos revelar/explicar o desfecho do romance, que parece ser ainda mais traumatizante do que todo o ocorrido. Em determinado momento da narrativa, quando ambos estavam juntos – inclusive dormindo no mesmo quarto – o personagem se dá conta de que Luísa já não estava mais ao seu lado. Ao procurá-la, foi informado por um porteiro de que: “– Ela viajou pelo trem da madrugada” (CONDÉ, 1961, p. 89). Até então, não sabemos os motivos que levaram Luísa a fugir de onde estava, até que, dias após, ele recebe uma carta de sua amada informando-lhe de que precisava, urgentemente, falar com ele, além de revelar-lhe que ela não parava de pensar nele um só instante.

A carta foi o suficiente para despertar, novamente, sensações no personagem, dado o amor que ele sentia por ela. Ao decidir-se se encontrar com Luísa, ela resolveu, então, contar o que aconteceu nos dias em que permaneceu distante: Luísa conta toda uma história de quando ainda era jovem que teve com sua mãe, a responsável por lhe apresentar homens, mesmo sem o seu consentimento. Sua mãe colocava culpa sempre na velhice e jogava responsabilidade na filha para ter alguém com alto poder aquisitivo. Após contar essa breve história, Luísa declara:

“Estou vivendo com o tal sujeito há dois meses.” [...] Mas eu não posso, não posso. Tenho nojo dêle. Ele tem um ciúme de morte de mim. Nunca me deixa sair. Manda os empregados me vigiarem. [...] odeio o corpo dêle, corpo de velho.” (CONDÉ, 1961, p. 119).

Já é de se esperar que, ao ouvir isso, o homem fosse preenchido por um misto de sentimentos que podem ir desde a raiva – por ela ter partido – até os ciúmes – por estar com outro homem, identificado, posteriormente, como Abílio Marialva. O reencontro entre os dois

se dá, então, como um pedido de ajuda por parte de Luísa, que se via presa em uma relação de que não gostava, mas que também não tinha forças para sair disso sozinha, sobretudo se considerarmos o caráter violento e abusivo de seu companheiro.

Percebemos, nesse sentido, que Luísa vê no seu antigo amante a possibilidade de sair de uma relação que não lhe faz bem. Depois desse contato, ela retorna a Abílio e, oito dias depois, o protagonista recebe retorno de Luísa por meio de um bilhete enviado pelo correio informando-lhe que Abílio sabia que ela havia se encontrado com ele. Dessa maneira, eles se reencontram novamente, pela última vez, no apartamento do personagem principal.

É nesse lugar que ocorre o desastre: depois de terem se beijado e conversado sobre tudo o que passaram, o protagonista questiona a Luísa sobre o nome do seu companheiro, resposta essa dada prontamente. Em um rápido momento, ele pede licença para sair do quarto e diz que volta em breve. É nessa saída que ele consegue telefonar para Abílio com o propósito de entregar Luísa, mesmo ela tendo implorado, minutos atrás, que ele a ajudasse e ficasse com ela.

Fechei a porta do quarto e segui claramente pelo corredor em direção à escada.
Na rua, procurei o primeiro bar.

– O catálogo, por favor – pedi.

Encontrei o número.

O telefone atendeu do outro lado:

– É o sr. Abílio Marialva?

“– Ele mesmo” – respondeu a voz.

– Se o senhor quiser encontrar agora a Luísa, procure-a no quarto número 7 do Hotel Limbo (CONDÉ, 1961, p. 141).

Dominado, provavelmente, pela raiva e pelo ciúme, o personagem trai a confiança da mulher que decidiu solicitar ajuda em meio ao problema que estava enfrentando. O que acontece depois é mostrado ao leitor sob fluxos de consciências do personagem, que se encontra aflito no enterro da amada: Luísa foi encontrada despida na cama, assassinada por Abílio com dois tiros na cabeça.

O protagonista sabe desse final lamentável por meio de notícias no jornal e embriaga-se pelas ruas perdido em pensamentos confusos e aleatórios: “Por que tudo na vida tem de morrer? Por que ela teve de morrer, meu Deus?” (CONDÉ, 1961, p. 112). Ele também se demonstra decepcionado pelo rumo que tomaram: “Eu a teria amado, realmente? Éramos muito iguais um ao outro, para que pudesse ter existido amor. [...] Ela morreu.” (CONDÉ, 1961, p. 142).

O final do romance, nesse sentido, explica a justificativa pela escolha do título da obra: “Só Luísa está morta e já não pode pensar. Mas preciso vê-la pela última vez. [...] Pobre Luísa. Nenhuma flor. [...] Abaixo-me e apanho um ramo [...] e levo-o para a capela do necrotério. Um ramo para Luísa.” (CONDÉ, 1961, p. 145). Essa atitude de entregar um ramo à amada parece

representar uma dualidade que se manifesta da seguinte maneira: primeiro, o narrador personagem, somente após a morte da companheira, decide entregar-lhe um ramo como símbolo de seu amor – ou mesmo de seu remorso – por não a aproveitar enquanto houve tempo; segundo porque pode indicar o pouco caso que ele tinha dela, pois poderia ter tido um cuidado em comprar algo mais sofisticado, porém decidiu apanhar, aparentemente, um ramo qualquer do lugar onde ela estava sendo sepultada.

É assim que se encerra a narrativa: com a representação da mulher reduzida à flor, à morte, ao nada. Mulher essa que teve sua vida interrompida por um crime extremamente brutal cometido pelo próprio companheiro movido por ciúmes e raiva. Soma-se a isso a traição que sofrera por parte de quem amava, pois ela viu, no protagonista, uma espécie de porto seguro, de ajuda e, infelizmente, estava enganada. Destacamos, a partir disso, a camaradagem, ou seja, o companheirismo criado entre os homens na narrativa, que revela uma ligação masculina extremamente negativa se pensarmos que o homem em quem ela confiava foi justamente a razão de sua morte, ainda que indiretamente.

Diante das análises feitas, percebemos que representações acerca do corpo feminino, na literatura de Condé, possuem relação intrínseca com a realidade vigente, haja vista que as mulheres foram espelhadas sob um contexto patriarcal, machista e que as inserem em determinadas situações que inferiorizam e condenam suas histórias.

Nesse viés, a literatura proposta na narrativa consegue promover reflexões variadas sobre as condições humanas e possibilita interpretações e entendimentos a respeito de uma minoria de mulheres que se encontram no âmbito da prostituição. Isso demonstra não só a tristeza e a solidão que, por vezes, parecem abater essas mulheres, mas também revelam características e pensamentos únicos de homens ainda ligados ao superficialismo erudito, isto é, ao ideal de “macho ideal”, capaz, acima de tudo, de decidir pelo fim da vida de suas próprias parceiras.

5 À PROCURA DE ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Enxergar a literatura como um meio problematizador de temas sócio-políticos faz-nos entendê-la como uma forma de arte que permite, em sua representação do real, a reflexão e o questionamento dessa realidade transmutada, uma vez que, ao criar um mundo ficcional, o autor convida o leitor a repensar o real e possibilita, também, a propagação de conhecimento.

Nesse aspecto, a arte se coloca também como um agente capaz de permitir reflexões sobre aspectos diversos da realidade, entre eles, os aspectos sociais, levando o sujeito a uma ressignificação em torno das mazelas, juízos de valores e preconceitos já estabelecidos, pois permite repensar e desconstruir valores antes inquestionáveis. Assim, a relevância de todo o estudo até aqui desenvolvido dá-se pela contribuição em desconstruir visões negativas e pejorativas acerca da vida de uma parcela de mulheres que, infelizmente, ainda permanecem silenciadas no convívio social moderno.

Pensar a prostituição mediante sua representação na tessitura literária e, por conseguinte, o lugar que ela ocupa, significa encarar a realidade cruel que, por muito tempo, foi deixada de lado. Ao dar voz a essas mulheres, a arte permite o entendimento de que muitas outras que permanecem caladas, seja pelos mais variados motivos, podem se reencontrar com a sua verdadeira identidade e assumir uma postura de vida que possa ir ao encontro de seus desejos, afinal, ninguém possui direito sobre o corpo de outra pessoa.

Durante o percurso da análise das representações tecidas na obra, constatamos que a figura da mulher – na obra de Condé – assumiu uma caracterização de indivíduo inferiorizado quando comparado a outros personagens, uma vez que a protagonista Luísa rebaixava-se, muitas vezes, aos seus clientes e, por isso, sujeitava-se a qualquer situação que a diminuísse.

Além disso, não só a personagem principal, mas a maioria das figuras femininas do romance foram constantemente associadas à ideia de mercadoria barata e simples, tendo em vista que, assim que os clientes as usavam, eles as descartavam como se fossem um produto qualquer comprado em um mercado.

Houve, também, a ênfase na erotização e sexualidade do corpo da mulher como as únicas características que importassem em um indivíduo. Em outras palavras, a sexualização exacerbada limitou e generalizou a identidade dessas mulheres e, como consequência, descartou outras atribuições positivas que pudessem ter. Soma-se a isso o fato de que a mulher foi vista como uma válvula de escape para o gozo dos desejos passageiros e carnais dos homens, os quais

tratavam as prostitutas como se não fossem pertencentes a uma sociedade, chegando, inclusive, a cometer agressões físicas e verbais com bastante naturalidade e sem remorsos.

Outro aspecto relevante se deu ao perceber a facilidade que o personagem Leão tinha para comprar e vender mulheres, revelando, assim, o tráfico sexual de mulheres na obra. O pensamento de que um homem tem poder de decidir sobre o corpo de outra pessoa caracteriza, portanto, ideais bastante patriarcais e machistas. Inclusive, é justamente esse caráter dominador e de possuidor que o homem imagina ter sobre o corpo da mulher, que rendeu a Luísa o seu final fúnebre – o assassinato brutal motivado por ciúmes e ódio.

O último tópico visto – embora não menos importante que os demais – refere-se ao destaque que a obra evidenciou não só ao revelar os motivos que levam várias mulheres a entrar nesse (sub)mundo, bem como mencionar as principais dificuldades de saída da prostituição. Vários foram os motivos mostrados tanto para a entrada quanto para a saída da prostituição, conforme vimos outrora, mas o mais importante foi o motivo de muitas delas não terem outras oportunidades, ficando, portanto, com o recurso mais fácil de ganhar dinheiro – a prostituição –, não obstante a maioria tenha revelado sentir nojo por ter de trabalhar com a venda de seus próprios corpos.

Sobre esses motivos, Simone Beauvoir (2009), filósofa existencialista moderna, em uma de suas frases mais marcantes sobre o feminino, menciona o fato de que a mulher não nasce sendo mulher, mas que, em contrapartida, torna-se uma. Partindo dessa lógica, podemos (re)afirmar que as personagens femininas da obra analisada não nasceram “ putas”, mas se tornaram devido a diversos motivos aqui já citados.

Acreditamos que José Condé, portanto, guia com maestria a narrativa ao representar a fria e cruel realidade que mulheres como Luísa enfrentam dentro do campo da prostituição, dando-lhes destaque de participação e debate sobre o tema que, até então, era esquecido pela população de sua época.

À vista disso, faz-se necessário que a literatura continue a explorar temas polêmicos e atuais, e que mais estudos sejam realizados no sentido de analisar essas representações, permitindo, assim, que se reflita e se (re)pense aspectos de nossa sociedade que já estão sendo encobertos há muito tempo. Com isso, acreditamos que outras minorias – como as que aqui foram mostradas – podem ter seus direitos (res)guardados e vivências mostradas a um público que ainda permanece cobrindo os olhos, pois prefere, infelizmente, fingir que essa realidade não existe.

REFERÊNCIAS

- ALVAREZ, Gabriel Omar; RODRIGUES, Marlene Teixeira. Prostitutas cidadãs: movimentos sociais e políticas de saúde na área de HIV/AIDS. *Revista de Ciências Sociais*, Fortaleza, v. 32, n.1/2, 2001, p. 53-68.
- BATAILLE, Georges. *A literatura e o mal*. Trad. Fernando Chibe. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.
- BEAUVIOIR, Simone de. *O segundo sexo*. Tradução Sérgio Milliet. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BELLIN, Greicy Pinto. A crítica literária feminista e os estudos de gênero: um passeio pelo território selvagem. *Revista FronteiraZ*, São Paulo, n. 7, dezembro de 2011.
- BRIVIO, Gustavo do Rego Barros. *Representações sobre a prostituição feminina na obra de Jorge Amado*: um estudo estatístico. 2010. 250f. Dissertação (Mestrado em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2010.
- CANDIDO, Antonio. Direitos Humanos e literatura. In: FESTER, Antonio Carlos Ribeiro (Org.). *Direitos humanos E...* São Paulo: Brasiliense, 1989.
- CÂNDIDO, Maria Regina (Org.). *Mulheres na Antiguidade*: Novas Perspectivas e Abordagens. Rio de Janeiro: UERJ/NEA; Gráfica e Editora DG ltda, 2012.
- CONDÉ, José. *Um Ramo para Luísa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1961.
- CORBETT, Nancy Qualls. *A Prostituta Sagrada*: a face eterna do feminino. 2. ed. São Paulo: Ed. Paulus, 1990.
- COSSON, Rildo. *Letramento literário*: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2006.
- COSTA, Edson Tavares. *A construção e a permanência do nome do autor*: o caso José Condé. 2013. 294f. Tese (Doutorado em Literatura e Cultura) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013.
- DEL PRIORE, Mary. *Histórias íntimas*: sexualidade e erotismo na história do Brasil. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011a.
- DEL PRIORE, Mary. *Histórias e Conversas de Mulher*. São Paulo: Planeta, 2013b.
- DEL PRIORE, Mary. *Sobreviventes e Guerreiras*: uma breve história da mulher no Brasil de 1500 a 2000. São Paulo: Planeta, 2020c.
- FIGUEIREDO, Viviane Arena. Caminhos cruzados x Atitudes opostas: imagens eróticas em Lucíola e Teresa Batista cansada de guerra. *Revista Garrafa*, v.7, set./dez. 2005.

JULIANO, Dolores. El peso de la discriminación: debates teóricos e fundamentaciones. In: OSBORNE, R. (ed). *Trabajador@s del sexo: derechos, migraciones y tráfico en el siglo XXI*. Barcelona: Bellaterra, 2004.

LIMA, Bruno Ribeiro de. Literatura e sexo por Gérard Dessons. *Opiniões*, n. 6-7, p. 158-160, 2015.

MEIRELES, Maurício. As prostitutas na arte francesa: relembre o papel das profissionais do sexo no cinema e na literatura. *O Globo - Mundo*, 29 de nov. de 2013. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/as-prostitutas-na-arte-francesa-10928327>. Acesso em: 02 de jul. de 2022.

MOREIRA, Ariágda dos Santos. O espaço da prostituta na literatura brasileira do século XX. *Calígrama*, Belo Horizonte, v. 12, p. 237-250, 2007.

PERROT, Michelle. Os silêncios dos corpos da mulher. In: MATOS, M. I. S; SOIHET, R. (Org.). *O corpo feminino em debate*. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

RAGO, Margareth. *Os Prazeres da Noite*: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930). São Paulo: Paz e Terra, 2008.

REIS, Tatiana. Prostituição feminina: interação entre sexualidade, corpo, cor e desejo. In: *Anais do VII Seminário Internacional Fazendo Gênero*, 2008.

ROBERTS, Nickie. *As prostitutas na história*. Tradução Magda Lopes. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1998.

SILVA, Álvaro. Prostituição já foi um ato religioso: entre babilônios, gregos e romanos, se entregar por dinheiro podia ser um ritual aos deuses. *Aventuras na História – UOL*, 08 de nov. de 2020. Matérias-Curiosidades. Disponível em: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/prostituicao-ja-foi-sagrada.phtml>. Acesso em: 05 de fev. de 2022.

SOUZA, Fabiana Rodrigues de. *A noite também educa*: compreensões e significados atribuídos por prostitutas à prática da prostituição. 2012. 291 f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2012.

TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

VIDIGAL, Raphael. 12 músicas brasileiras sobre prostituição. *Esquina Musical*, 27 de abr. de 2015. Artes plásticas-música. Disponível em: <https://esquinamusical.com.br/12-musicas-brasileiras-sobre-prostituicao/>. Acesso em: 02 de jul. de 2022.

VIEIRA, Patrício de Albuquerque. *Epitáfio para Luísa e Irene*: prostituição, solidão e morte no romance brasileiro. 2016. 198f. Tese (Doutorado em Literatura e Interculturalidade) – Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2016.

AGRADECIMENTOS

A Deus, inicialmente, por ter me mostrado qual caminho seguir e por me dar forças face à dor e ao caos de existir e de tolerar, por vezes, até mesmo o intolerável. Sem a sua ajuda, provavelmente, eu não seria o mesmo.

A minha família, que se resume, basicamente, a minha mãe – eterna companheira de vida e, acima de tudo, minha amiga; ao meu pai – por me mostrar que atitudes valem mais que palavras; à Raquiele, minha irmã, sinônimo de força e resiliência diante de tudo o que enfrentou; a minha pequena Manu (já nem é mais tão pequena assim) por ter surgido em nossas vidas e me mostrar o quanto uma menininha pode tornar feliz a vida de um tio como eu; a minha avó paterna, por ser minha segunda mãe nesta vida; aos meus avós maternos, ambos já falecidos, mas sempre presentes no objeto mais valioso de nossas vidas – a memória; e ao meu avô paterno. Muito obrigado: eu sou um pouquinho de cada um de vocês e me orgulho disso.

A Lucas, meu amigo de infância, primo e eterno companheiro de vida; aos meus colegas de curso, em especial à Cláudia e a Emmanuel.

Aos meus professores da instituição da qual tenho orgulho em fazer parte. Hoje eu sou o que sou em virtude de ter passado pelas mãos talentosas e cuidadosas de todos vocês. Reitero meus agradecimentos, em especial, a estes professores: Carla – por me mostrar que é possível haver amor na academia e construir relações sólidas; Mônica – que, certa vez, disse-me “não importa se você vai para a Linguística ou para a Literatura, teremos um excelente profissional em ambas as áreas”, talvez ela não se recorde disso, mas foi o que me levou a acreditar em mim mesmo e me fez seguir em busca do meu sonho; Girelene – por ter aberto as portas da pesquisa científica em minha vida desde o terceiro período e, além disso, ser uma amiga virginiana perfeitamente memorável; Jackeline – pelas conversas, pelos ensinamentos ao longo dos estudos e pelas pesquisas produzidas; Moacir – por quem eu já tinha admiração antes mesmo de ser aluno e, mais ainda, depois de ter tido o primeiro contato durante as aulas e escritas constantes de artigos; Neilson – por me mostrar o quanto as aulas podem ser inesquecíveis.

À Edilane Rodrigues, minha eterna colega, orientadora, professora de literatura das maiores, mãe, aventureira, cantora nas horas vagas e amiga fiel. Gratidão por ter aceitado entrar nessa jornada de pesquisa desde o segundo período e ter permanecido comigo até a última etapa.

Por fim, à Editora MultiAtual, por todo o apoio, ajuda e colaboração durante todo o processo realizado para que este livro fosse possível ser publicado de forma gratuita e on-line,

contribuindo para que este material consiga chegar de forma mais acessível a todos os interessados na temática.

Notas sobre o autor (Rian Lucas da Silva)¹

Graduado no curso de Licenciatura em Letras com habilitação em Língua Portuguesa pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB). Desenvolve pesquisas na área da Literatura Brasileira com temáticas voltadas aos estudos de gênero, identidades, diversidades e de sexualidades, bem como questões que envolvem feminismos, homoerotismos, entre outras. Na Linguística, debruça-se sobre a Análise de Discurso Crítica, pesquisando a forma como a mídia representa as crianças. Fez parte do PIBIC-EaD, com o projeto de pesquisa intitulado: *Leitura subjetiva na formação docente: constituição de laços afetivos com o texto literário*, pelo IFPB. Foi bolsista do PIDITEC-EaD-2021, com o projeto de pesquisa intitulado *O ensino de Literatura pelas redes do universo digital: alternativas (e soluções?) para os processos educativos na atualidade*, pelo IFPB. Também foi bolsista do PIDITEC-EaD/2022, do IFPB, com o projeto de pesquisa chamado *O que pode a literatura de re(ex)sistência: compartilhamento de leituras possíveis (e necessárias) na atual conjuntura*. É membro do grupo de pesquisa do CNPq (LiDiMe) - Linguagem, Discurso, Mídia e Educação, pela Universidade Federal do Maranhão. Também faz parte do Grupo Integrador de Extensão e de Pesquisa em Altas Habilidade e Superdotação - GIEPAHS, do IFPB. Além disso, é escritor de textos (poemas, contos e crônicas) dentre os quais alguns já foram, inclusive, publicados em revistas (Ecos da palavra e LiteraLivre).

(Texto informado pelo autor no Currículo Lattes – <http://lattes.cnpq.br/9371187473439297>)

